

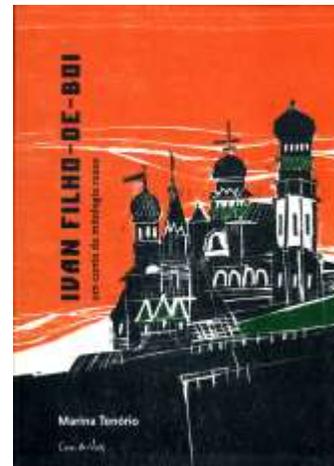
Depoimento: Fernando Vilela

Falar sobre o próprio trabalho é criar uma visão parcial de nós mesmos, já que em cada momento da vida – ou da semana – o espelho de nossos olhos pinta diferentes auto-retratos.

Apresentarei aqui retalhos embaralhados de reflexões, opiniões e processos e deixo a você a missão de montar este mosaico torto que conta um pouco sobre minha trajetória.

Linguagem gráfica

Além de escrever e ilustrar livros – e muito antes disso – sou artista plástico e tenho a linguagem da gravura em madeira como um dos motores da minha criação. Foi em xilogravura que illustrei meu primeiro livro (**Ivan Filho-de-Boi**, de Marina Tenório, Ed. Cosac Naify, 2003). A pesquisa iconográfica sempre foi fundamental no meu trabalho. Nesta publicação foram utilizadas as gravuras populares russas dos séculos 15 a 17, pinturas de *bogatires* (cavaleiros russos), cartazes construtivistas e os espaços dos filmes de Eisenstein do início do século 20.



Capa do livro **Ivan Filho-de-Boi**

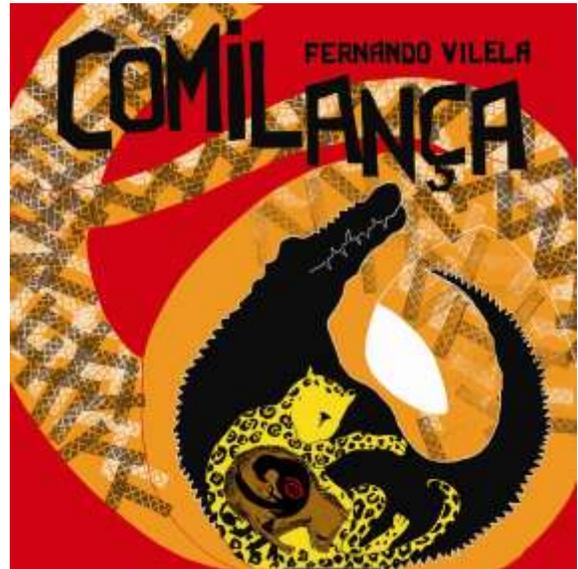


1
Ilustração do livro **Ivan Filho-de-Boi**

De onde vem as ideias

São das experiências significativas que tenho no mundo ou na fantasia que se originam as ideias de meus livros. O encontro fantástico de um cangaceiro do século 20 com um cavaleiro medieval, ou de um camelo árabe com um camelô paulistano pode-se desdobrar em narrativas imaginárias que misturam culturas e linguagens. Uma insignificante toalha cai no mar e afunda numas férias em Parati me faz imaginar uma história que faz com que cruze o planeta do Brasil até chegar à China, passando pelos animais dos oceanos, navios afundados, submarinos nucleares, sem que uma única palavra seja escrita.

Algumas viagens para Amazônia e a interação com seringueiros, caboclos pescadores e índios me inspiraram para escrever três livros: **Comilança** (Ed. DCL, 2007), **Tapajós** (Ed. Atica, 2008) e **Seringal** (Ed. Scipione, 2010).



Capa do livro **Comilança**



Ilustração do livro **Tapajós**

A cidade

Meu chão é a cidade. Meu trabalho de arte mostra como ela é o elemento mais presente. Habitante de São Paulo, meu olhar desde sempre foi instigado pelo alucinado movimento do deslocamento dos carros, pelas frestas de luz entre os prédios, caminhos das sombras na calçada e traçados caóticos dos fios de luz contra o céu. Em minhas gravuras, desenhos, instalações, pinturas e ilustrações crio elementos gráficos a partir da experiência urbana. O motoqueiro encarnado nas ilustrações do livro **Hermes o motoboy** de Ilan Brenman (Cia das letras, 2005) apresenta meu olhar sobre a cidade: áspera, dinâmica e gráfica.



Ilustração do livro **Hermes o motoboy**

Livro é gravura

É incrível pensar que os primeiros livros impressos, há centenas de anos, tinham suas páginas entalhadas na madeira (o texto e a imagem) e eram impressos artesanalmente à mão, página a página. Hoje, apesar de todo aparato tecnológico da indústria gráfica com suas impressoras sofisticadas, o livro não mudou sua estrutura: é composto de matriz, tinta, papel, linha, cola. Uma máquina imprime as folhas e outra as agrupa para finalizá-lo. Este envolvimento que tenho pelo processo gráfico, na produção de um livro, deve-se ao fato de pensar cada publicação que ilustro do início ao fim. Assumir o livro como um objeto estético-gráfico e pensar a ilustração, desde o esboço até a tinta que vai ser utilizada na impressão, permite-me explorar o máximo da técnica a serviço da poética de cada narrativa.

Cordel

No mundo contemporâneo, enquanto a produção de livros acontece em escala industrial, a literatura de cordel, com seus poetas, gravadores e processos de impressão quase artesanais, ainda persiste e tem o seu espaço garantido. No Brasil existem gráficas que imprimem esses libretos em velhas prensas do início do século 20, utilizando tipos móveis. Um dos autores e gravadores que admiro é J. Borges.

A experiência de Borges em suas publicações é um grande aprendizado tanto no texto quanto na imagem. Ele atua em todo o processo da produção de seus livros – até na sua comercialização - criando o máximo de poesia com o mínimo de recursos. Assim, uma obra genuína e inspiradora nos é oferecida.

Gravura em carimbo

Com o tempo a xilogravura ficou um pouco estática e não mais respondia ao dinamismo que eu ambicionava nas ilustrações. Assim, trilhei novos caminhos e comecei a fazer gravuras em borracha escolar, uma espécie de carimbo, que funcionava como pequenos módulos que podiam ser articulados em cada ilustração. No livro **A Menina do Fio** (Girafinha 2006) de Stela Barbieri, todos os elementos arquitetônicos das construções foram feitos desta forma.



Gravura de J Borges. **O contador de mentiras**



Ilustração do livro **A menina do fio**

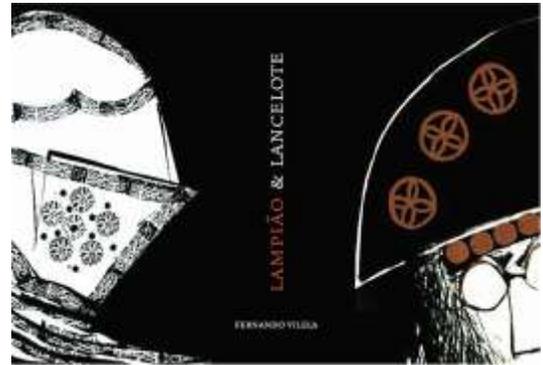
Matrimônio do texto com a imagem

O grande desafio do álbum ilustrado sempre foi potencializar o sucesso deste matrimônio do texto com a imagem num casamento poético entre duas linguagens que se mesclam. O texto é imagem – quando olhamos para ele como uma mancha na página – e a imagem é texto, pois a ilustração é uma imagem narrativa que também conta a história, acrescenta-lhe elementos e cria climas.

Duelo gráfico

Foi no livro **Lampião e Lancelote** (Cosac Naify, 2006) - meu livro de estréia como autor - que levei essa experiência da gravura em carimbo ao extremo. Impresso em três cores – preto, prata e cobre – e com todas as páginas ilustradas, este livro funciona como uma narrativa gráfica, em que texto e imagem se relacionam tanto formalmente quanto do ponto de vista da narrativa. Este processo de criação me levou a algumas reflexões sobre a gravura, a matriz e a reprodução no livro ilustrado.

Ao pensar este livro como gravura, a gráfica se tornou a extensão do meu atelier. Tradicionalmente, o que se busca na impressão gráfica de uma ilustração é chegar o mais próximo possível do original da imagem, seja uma aquarela, um desenho ou mesmo uma gravura. Meu esforço neste trabalho foi outro: como na criação de uma gravura, o original foi o próprio livro impresso em *off-set* e só pude ver todos os originais do meu trabalho na primeira impressão do livro.



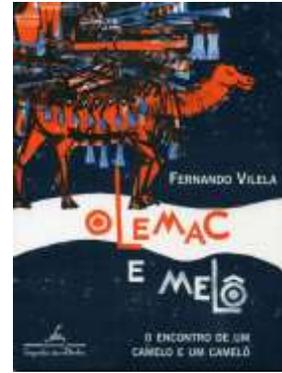
Capa do livro **Lampião e Lancelote**



Ilustração do livro **Lampião e Lancelote**

Encontros e embates

Juntar dois personagens de locais completamente diferentes - um camelo da Arábia Saudita e um camelô de São Paulo - e descobrir pontos em comum foi a inspiração para o livro **Olemac e Melô** (Cia das Letras, 2007), assim como o trocadilho camelo-camelô. A brincadeira de trazer um camelô estrangeiro ao Brasil e sua descoberta de que há muito da cultura árabe por aqui, mostra um aspecto recorrente em alguns dos meus livros: o que há nos encontros e embates de diferentes culturas e personagens.



Capa do livro **Olemac e Melô**



Ilustração do livro **Olemac e Melo**

Gravura no espaço

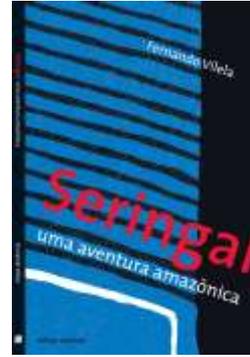
Em dezembro de 2010 fiz uma instalação gráfica chamada **Tsunami**, uma xilogravura de 16 x 5 metros que cobre duas paredes da Galeria de Arte Virgilio em São Paulo. O procedimento das sobreposições das impressões das ondas nasceu da experiência dos carimbos nas ilustrações de **Lampião e Lancelote**.



Trombetas, 2010 / sala 16 x 14 metros pé direito de 4,5 metros. Xilogravura sobre parede e vigas de Madeira pintadas

Uso das cores

Sempre gostei de usar poucas cores nas minhas ilustrações, pois isso cria uma maior força gráfica para a imagem e também amplia o potencial simbólico da cor dentro da narrativa. Nas ilustrações do meu último livro **Seringal – uma aventura da floresta amazônica** (Scipione, 2010) - que narra uma viagem de um jovem para dentro da selva tropical -, fugi da cor verde, que seria a mais previsível de todas, afinal, o livro traz a presença da mata o tempo todo. Por isso optei por usar três cores - o preto, o vermelho e o azul – e suas sobreposições.



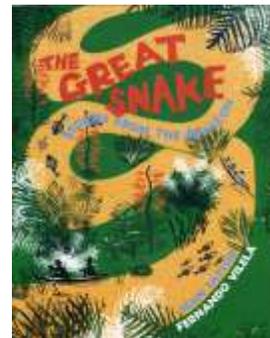
Capa do livro **Seringal**



Ilustração do livro **Seringal**

Processo para ilustrar textos

Primeiramente, mergulho no texto. Caso me identifique com ele, deixo brotar todas as cenas do meu imaginário. Depois, parto para a pesquisa iconográfica. No caso do livro **The Great Snake** de Sean Taylor (Frances Lincoln, 2008, Inglaterra) – traduzido e lançado no Brasil pela editora SM como **Cobra Grande** - pesquisei imagens dos bichos das histórias e resgatei as fotografias e cadernos de desenhos de viagens que fiz pela floresta do Acre e do Amapá. Desta forma, fui maturando as ilustrações para a criação de uma linguagem própria: uma narrativa em diálogo com as imagens do texto. No caso dos meus livros autorais, narrativa e imagem nascem juntas e vão brincando até acertarem o passo certo da dança.



Capa do livro **The great snake**



Ilustração do livro **The great snake**

Referências

Minha infância e juventude foram permeadas por muitos quadrinistas brasileiros de várias gerações como Laerte, Angeli, Glauco, Luiz Gê, Henfil, e pelos estrangeiros Frank Miller, Moebius, Bilal entre outros. **Flicts** e **O menino maluquinho** de Ziraldo me marcaram muito. Mas minha principal fonte de inspiração sempre foi as artes plásticas. Escritores como Kafka, Machado de Assis, Milton Hatoum e poetas como Garcia Lorca, Manoel de Barros e João Cabral de Melo Neto, dentre muitos outros, instigam-me.



Ilustração Frank Miller - **Sin City – O assassino amarelo** (Devir Livraria - 2005)

Fernando Vilela
14 de janeiro de 2010